

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

SAMANTA SÁ CANFIELD

**A EPÊNTESE CONSONANTAL NO PORTUGUÊS:
UM ESTUDO INTRODUTÓRIO**

**Porto Alegre
2010**

SAMANTA SÁ CANFIELD

**A EPÊNTESE CONSONANTAL NO PORTUGUÊS:
UM ESTUDO INTRODUTÓRIO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof^a Dr. Leda Bisol
Orientadora

**Porto Alegre
2010**

AGRADECIMENTOS

À mãe e à Camila, por tudo, sempre.

Às chefes Sandra e Siana, pelas liberações e compreensões nessa jornada.

Ao PPGL/PUCRS, pelas prorrogações concedidas.

Às secretárias Mara e Isabel, do PPGL/PUCRS, pela atenção, competência e presteza.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos concedida.

A todos os colegas que, com palpites, opiniões e palavras de incentivo, auxiliaram no desenvolvimento desse trabalho.

À professora Leda, pelo pulso, repreensões, paciência, disponibilidade, conhecimento compartilhado e, sobretudo, por não ter desistido de mim mesmo quando eu quis desistir.

RESUMO

Este estudo trata da epêntese consonantal do português brasileiro, que se manifesta em processos derivados e que já está consagrada na escrita.

Os dados que compõem o *corpus* foram captados através da ferramenta de pesquisa do dicionário eletrônico Houaiss, restringindo-se aos sufixos -ada, -al e -eiro. Dentre os afixos listados nas gramáticas, esses foram considerados os mais produtivos em termos de inserção de consoante, motivo pelo qual foram escolhidos.

A análise, que se fundamenta na Fonologia Lexical, parte do pressuposto de que /z/ é a consoante epentética *default* no português brasileiro para as palavras-base acabadas em vogal do radical e de que /r/ é *default* para as palavras-base terminadas em vogal temática. Os resultados confirmaram essa pressuposição.

Palavras-chave: epêntese consonantal, silabificação, fonologia lexical

ABSTRACT

The present study focuses on the consonantal epenthesis in Brazilian Portuguese which appears in derived processes and is already current in written language.

The data which compose the *corpus* was perceived through the research tool from the CD-Rom Houaiss dictionary, restricted to the suffixes -ada, -al and -eiro. These, among the other listed suffixes in grammar reference books, were considered the most productive according to consonant insertion, reason why they were chosen.

The analysis, which is underlain on Lexical Phonology, starts from the assumption that /z/ is the default epenthetic consonant in Brazilian Portuguese for the base words ended in vowel from the root, and that /r/ is the default for the base words ended in thematic vowel.

Keywords: consonantal epenthesis, syllabification, lexical phonology

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 TEORIA DA SÍLABA.....	9
2.1.1 A sílaba, segundo Harris.....	9
2.1.2 A sílaba, segundo Itô.....	13
2.1.3 A sílaba em português, segundo Bisol.....	16
2.2. FONOLOGIA LEXICAL.....	18
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	21
3.1 EPÊNTESE.....	21
3.1.1 Epêntese vocálica.....	21
3.1.1.1 <i>Epêntese vocálica, segundo Collischonn.....</i>	21
3.1.1.2 <i>Epêntese vocálica, segundo Cristófaró e Almeida.....</i>	23
3.1.2 Epêntese consonantal.....	24
3.1.2.1. <i>Epêntese consonantal no português, segundo Massini e Cagliari.....</i>	24
3.1.2.2 <i>Epêntese consonantal no inglês, segundo Ali, Daniloff e Hammarberg.....</i>	26
3.1.2.3 <i>Epêntese consonantal no inglês, segundo Fourakis e Port.....</i>	27
4 METODOLOGIA DA ORGANIZAÇÃO DOS DADOS.....	28
4.1 INSTRUMENTO.....	28
4.2 ORGANIZAÇÃO DO CORPUS.....	28
5 ANÁLISE.....	30
5.1 INTRODUÇÃO.....	30
5.2 ANÁLISE PROPRIAMENTE DITA.....	31
5.2.1 Sufixo –ada.....	31
5.2.1.1 <i>Grupo (Ia).....</i>	31
5.2.1.2 <i>Grupo (Ib).....</i>	37
5.2.2 Sufixo –al.....	40
5.2.2.1 <i>Grupo (IIa).....</i>	41
5.2.2.2 <i>Grupo (IIb).....</i>	43
5.2.3 Sufixo –eiro.....	47
5.2.3.1 <i>Grupo (IIIa).....</i>	47
5.2.3.2 <i>Grupo (IIIb).....</i>	51
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

A epêntese, que pode ser consonantal ou vocálica, é um fenômeno relacionado à inserção de segmento em palavras utilizado para resolver um problema estrutural, em geral de caráter silábico e pode ser consonantal ou vocálica. A epêntese consonantal, assunto deste estudo, consiste no acréscimo de uma consoante que não possui justificativa etimológica. O ambiente em que se manifesta é a junta morfológica presente em processos derivados, como em *cafezal* (*café + z + al*) e *milharal* (*milho + r + al*), por exemplo. Ao contrário da epêntese vocálica, em que um [i] ou um [e] é inserido em palavras como *advogado* e *pneu*, entre outras, a consonantal, fenômeno em estudo, está consagrada na escrita.

A epêntese consonantal no português brasileiro não mereceu, ainda, muita atenção, o que provocou grande dificuldade na busca de material bibliográfico e, inclusive, na composição do *corpus*. Para isso, foram fundamentais o exame de gramáticas para definir com quais sufixos o fenômeno mais acontecia e a ferramenta de pesquisa do dicionário eletrônico Houaiss.

O português brasileiro tem forte tendência a evitar o hiato, e a inserção de uma consoante é uma das opções, pois promove a construção de uma sílaba com onset, o padrão ideal de sílaba, segundo a teoria da marcação. Dessa forma, a epêntese consonantal é um fenômeno que está diretamente envolvido com o processo de silabificação e, por esse motivo, a Teoria da Sílaba é um dos fundamentos do trabalho. Foram escolhidas as propostas de Harris (1983) e de Itô (1986), por terem sido importantes no desenvolvimento da teoria fonológica não-linear. Além dessas propostas, a análise de Bisol (1999) se faz presente por trabalhar especificamente com dados do português brasileiro.

Fizemos a revisão de estudos da epêntese, tanto vocálica quanto consonantal, pois, apesar de aquela não ser o tema do trabalho, ambas acontecem e explicam-se por motivos idênticos, além de compartilharem da mesma fundamentação teórica. Para compor esse panorama, resumimos as ideias de Collischonn (1997), Cristóvão-Silva e Almeida (2006) e Massini e Cagliari (2000) sobre a intrusão de vogais e consoantes no português brasileiro. Também contamos com o que nos mostra Latif Ali, Ray Danilo e Robert Hammarberg (1979) e Marios Fourakis e Robert Port (1986) sobre a epêntese consonantal no inglês.

A Fonologia Lexical, que teve início com Kiparsky (1982) e Mohanan (1982), vê o léxico não apenas como algo que guarda idiossincrasias, mas é uma teoria que trata de regras fonológicas que interagem com regras morfológicas. Contando com regras cíclicas, isto é, regras que voltam a ser aplicadas na medida em que se cria uma nova etapa derivacional, a Fonologia Lexical ofereceu-nos um interessante recurso explicativo do processo de formação de palavras, razão por que esse foi o modelo teórico escolhido para embasar a análise apresentada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

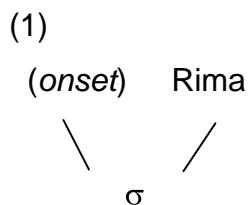
Por estar a epêntese diretamente envolvida com a silabificação, seguem resumidas duas teorias de sílaba com ideias distintas: a de Harris (1983) e a de Itô (1986), simbolizando duas concepções que tiveram repercussões importantes no desenvolvimento da teoria fonológica não-linear, e o estudo de Bisol (1999), por apresentar uma análise da sílaba sobre o português.

Apresentamos também os fundamentos básicos da Teoria Lexical, modelo que escolhemos para analisar os casos de epêntese consonantal do português brasileiro.

2.1 TEORIA DA SÍLABA

2.1.1 A sílaba, segundo Harris

A sílaba, na visão de Harris (1983), é um constituinte de estrutura arbórea binária, composto por *onset* (O) e rima (R); a rima, que contém o pico de sonoridade, é o dominante e o *onset*, é o dominado.



Para Harris, que desenvolve seu trabalho na linha da Teoria Autossegmental, a estrutura silábica de uma língua é explicada através de regras e filtros. As regras determinam a estrutura hierárquica para a cadeia da sílaba; os filtros controlam os desvios.

A regra do *onset* determina que sejam construídas árvores de ramificação maximamente binária cujos ramos dominam segmentos [+consonantal] não-

adjacentes na escala universal de sonoridade. Essa regra, aliada com a teoria universal da estrutura silábica, estabelece que *onsets* de dois segmentos em espanhol são sequências de obstruente e líquida. Os filtros controlam a estrutura de modo que as sequências asteriscadas abaixo não sejam permitidas nos diferentes dialetos do espanhol, a língua com a qual o autor apresenta sua proposta (Harris, 1983, p. 32):

(2)

pr/pl	tr/(tl)	*cr/cl	kr/kl
br/bl	dr/*dl	(*zr/*zl)	gr/gl
fr/fl	*sr/*sl		?xr/?xl

Dois são os filtros para o *onset*, os quais indicam diferenças dialetais. Para os dialetos que permitem tl, tr e dr, mas não dl, Harris propõe o seguinte filtro, que proíbe grupos de segmentos cujos traços sejam idênticos. Note-se que, para o autor, a lateral é [-cont] (Harris, 1983, p.32):

(3)

$$* \left(\left(\begin{array}{c} + \text{ cor} \\ - \text{ cont} \\ + \text{ voice} \end{array} \right) \left(\begin{array}{c} + \text{ cor} \\ - \text{ cont} \\ + \text{ voice} \end{array} \right) \right) \text{ Onset}$$

Para os dialetos que não admitem dl e tl, propõe um filtro mais geral, em que o traço voz não tem requisito (Harris, 1983, p. 33):

(4)

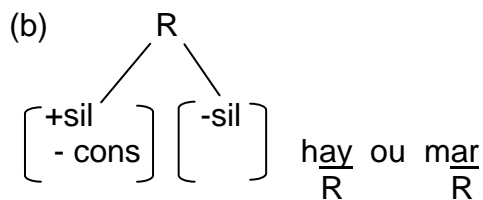
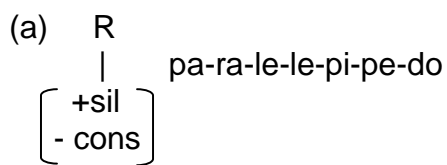
$$* \left(\left(\begin{array}{c} + \text{ cor} \\ - \text{ cont} \end{array} \right) \left(\begin{array}{c} + \text{ cor} \\ - \text{ cont} \end{array} \right) \right) \text{ Onset}$$

Observando os dialetos do espanhol, o autor constata que estão sujeitos a OCP, Princípio do Contorno Obrigatório, que proíbe sequências de dois segmentos idênticos. Dessa forma, os filtros ficam justificados.

Quanto à rima, que, maximamente, pode ser constituída de três segmentos, estabelece as seguintes regras:

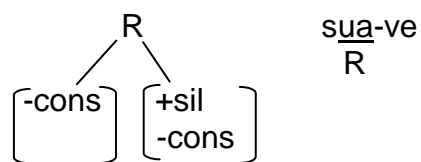
Regra 1 – Construa uma árvore de ramificação maximamente binária em que o ramo à esquerda domina [+silábico, -consonantal] e em que o ramo opcional à direita domina [-silábico]. Essa regra, que cria rimas simples (5a) e complexas (5b), inclui a formação do ditongo decrescente:

(5)



Regra 2 – Acrescente um segmento [-consonantal] à rima:

(6)



Assim se forma o ditongo crescente.

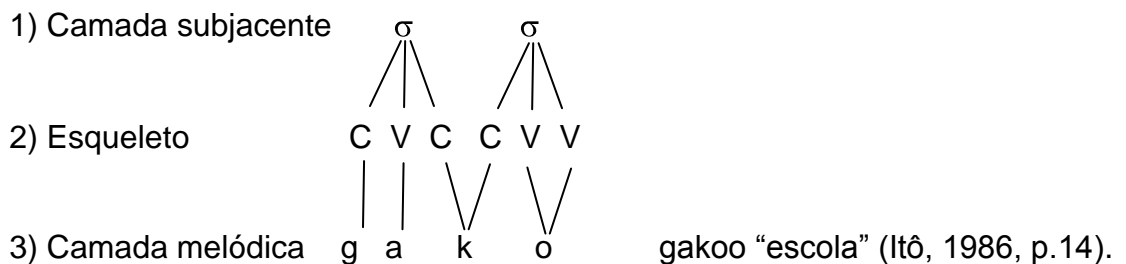
Em função do comportamento especial do /S/, que pode ser anexado a qualquer rima bem formada, respeitando a restrição de maximamente três segmentos, Harris estabelece a terceira regra de formação de rima:

a rima, assim como a sílaba, é um constituinte binário. Em grande parte, a teoria exposta pode ser exemplificada com o português, que tem filtros semelhantes aos apresentados por Harris para o espanhol, assim como as mesmas limitações de tamanho para a sílabas e para seus constituintes.

2.1.2 A sílaba, segundo Itô

Itô, em sua tese de doutorado, *Syllable Theory in Prosodic Phonology* (1986), segue Clements & Keyser (1983), admitindo que a sílaba possui três camadas: a mais subjacente, representada por σ , a intermediária, representada por CV, e a melódica compreende os segmentos com seus traços determinados:

(10)



Para Itô, a sílaba não possui constituintes internos. Os termos rima e coda são usados como indicadores de posições.

Na estrutura da Teoria Prosódica e Fonologia Lexical, linha em que desenvolve sua proposta, considerações e argumentos convergem para a silabificação como um contínuo jogo de ajuste da sequência de sons ao *template*¹. Assim, as sílabas devem ser definidas por *templates* (para o autor, o *template* silábico determina as possíveis sequências de uma língua, como CCVC e outras) e condições de boa formação. Regras são dispensáveis.

¹ *Template* é o molde silábico de maior extensão que contém todos os padrões silábicos da língua em questão.

Os princípios básicos da Fonologia Prosódica, que têm *status* de princípios operativos na silabificação, segundo Itô (1986), são Licenciamento Prosódico, Localidade e Direcionalidade.

(11) Princípios

a - Licenciamento Prosódico

O princípio do Licenciamento Prosódico requer que todas as unidades fonológicas pertençam a uma estrutura prosódica mais alta. Segmentos devem pertencer a sílabas, sílabas a pés métricos e pés métricos a palavras ou frases fonológicas.

Na organização da estrutura silábica por *template*, o mapeamento silábico pode ser identificado como o mecanismo de associação universal desencadeado pelo Licenciamento Prosódico e governado pelo template silábico e demais condições de boa formação. Segmento não silabificado é apagado, a não ser que esteja protegido pela extrametricidade, a qual só atua nas extremidades da sequência em consideração.

A hipótese defendida por Itô é que o mapeamento silábico ocorre continuamente durante toda a derivação fonológica.

b - Localidade

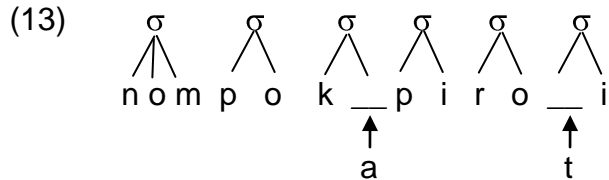
O Princípio da Localidade exige que a boa formação de uma estrutura não dependa de informação de fora da sílaba. A Localidade também tem papel importante no domínio de restrições da camada melódica. Por exemplo: em toda sílaba, o pico de sonoridade deve ser precedido e/ou seguido por segmento com sonoridade decrescente. Para Itô, essa limitação é uma consequência do Princípio da Localidade.

c - Direcionalidade

O Princípio da Direcionalidade define se o mapeamento fonológico acontece da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. No primeiro caso, maximiza-se o *onset*; no segundo, maximiza-se a coda. Para Itô, o parâmetro da direcionalidade indica a posição pré ou pós-vocálica da epêntese.

Em se tratando de português, a direcionalidade é da direita para a esquerda, a qual, segundo Itô (1986), caracteriza as línguas românicas.

No caso do axininca, há tanto a epêntese consonantal quanto a vocálica, e ambas seguem o mesmo procedimento. Ambos os segmentos não marcados, /a/ e /t/, são inseridos por *default*. A silabificação do exemplo nompokapiroti está representada em (13) (Itô, 1989, p. 237):



Admitindo-se que seja necessário criar uma posição estrutural para o segmento a ser inserido, com vistas à boa formação da palavra, vamos seguir Itô neste particular.

2.1.3 A sílaba, segundo Bisol

Bisol (1999) analisa a sílaba do português brasileiro, partindo do pressuposto de que a sílaba possui uma estrutura de constituintes representável por uma árvore de ramificação binária, através da qual é gerado o padrão canônico CCVC (C), em que C parentético é resultado da regra adicional de adjunção de /S/, da mesma forma que no espanhol. Entretanto, ao invés de regras, a autora conta, para o mapeamento, com o *template* CCVCC e com princípios universais, como os da Fonologia Lexical, e princípios prosódicos postulados por Itô, além das condições de boa formação de sílaba específicas da língua.

Deste molde silábico, isto é, *template*, advêm as seguintes informações: a sílaba do português tem estrutura binária, ataque e rima, dos quais só a rima é obrigatória; a rima também é binária, com núcleo (sempre uma vogal) e coda (soante e/ou /S/); o ataque tem no máximo dois elementos, sendo o segundo uma soante não-nasal. É através do ajuste dos segmentos que compõem uma palavra ao *template* (CCVCC) que se desenvolve toda a silabificação, incluindo a ressilabificação que ocorre entre frases.

O processo começa com a identificação do núcleo da sílaba através da escala de sonoridade, que assinala os picos de uma cadeia de sons que podem

funcionar como cabeças de sílaba. No português, apenas vogais funcionam como núcleo silábico. No caso de haver duas vogais em sequência, pode ocorrer fusão, se forem idênticas, ou ditongação, se uma delas for alta. Uma vez identificado o núcleo, esse projeta a rima, que projeta a sílaba. Essa, por sua vez, ramifica-se para a esquerda formando com a consoante adjacente mais próxima o padrão silábico CV. Se houver mais consoantes à esquerda, forma-se um ataque complexo, obedecendo ao Princípio de Maximização do Ataque. Só então forma-se a coda com a anexação à rima das consoantes adjacentes ainda não silabificadas.

Os Princípios Universais são complementados por Condições de Língua Particular para que a silabificação atinja melhor resultado. Essas condições são de natureza fonotática e dizem respeito à formação do ataque e da rima, constituintes independentes, mas interligados.

Condição de Ataque: esse constituinte começa a ser formado com a consoante à esquerda mais próxima do núcleo e compreende no máximo dois segmentos. Tais elementos são selecionados de acordo com a escala de sonoridade, produzindo ataques complexos bem-formados (obstruintes não-contínuas ou contínua labial combinadas com tepe ou lateral, exceto os grupos /dl/ e /vl/). As consoantes do ataque complexo devem ter diferentes graus de sonoridade, sob pena de serem rejeitados pela língua.

Condição de Coda: essa posição é preenchida por qualquer soante ou por /S/. Posta em termos de condição negativa (Bisol, 1999, p. 724), qualquer obstruinte, menos /S/, é proibida nessa posição, que se destina somente à soante ou /S/ ou à combinação das duas, pois o português, assim como o espanhol, forma rimas complexas com a adjunção de /S/.

A análise estende-se à ditongação, à ressilabificação e a outros processos envolvidos com a sílaba. Com respeito à epêntese, a autora faz menção à vocálica, considerando que é um recurso de silabificação disponível no léxico e no pós-léxico. De acordo com a autora, por meio de nós vazios, processa-se a silabificação de segmentos flutuantes, isto é, que não foram incorporados à sílaba por não satisfazerem as exigências universais de língua particular. Esses nós vocálicos são preenchidos mais tarde por *default* ou assimilação, legitimando sílabas bem-formadas (Bisol, 1999, p. 724).

Na análise a ser apresentada, a silabificação não é discutida, mas o padrão CCVCC, acima mencionado, assim como as condições de boa formação de sílaba, estarão sempre presentes como indicativos de que os princípios de boa formação de sílaba em português estão sendo respeitados.

Na próxima seção, apresentamos os fundamentos da teoria conhecida como Fonologia Lexical, modelo que escolhemos para a análise da derivação em que a epêntese consonantal em estudo está envolvida.

2.2. FONOLOGIA LEXICAL

A Fonologia Lexical, que teve início com Kiparsky (1982) e Mohanan (1982), tem o propósito de ver o léxico não apenas como algo que guarda idiossincrasias, mas como um domínio de regras fonológicas que interagem com regras morfológicas na formação de palavras. Isso leva à discussão dos princípios da teoria geral, como o ciclo e outros. As origens estão na morfologia gerativa de Aronoff (1976), Siegel (1978) e Pesetsky (1979) e na sugestão de sintaticistas de reforçar o léxico para restringir o poder das transformações que caracterizavam a fonologia gerativa em sua fase inicial. A consequência é a distinção entre regras lexicais e pós-lexicais e a organização do léxico segundo princípios e condições.

Kiparsky (1982), que, com Mohanan (1982), criou o modelo da Fonologia Lexical, valeu-se da exceção da palavra *nightingale* à regra de encurtamento silábico no inglês (Chomsky and Halle, 1968) para introduzir o novo modelo que propunha. O ponto crítico, no caso da referida exceção em Chomsky and Halle (1968), segundo Kiparsky, estaria no alto grau de abstração do *input* com o qual o modelo gerativo lidava em seus primeiros tempos. A primeira tentativa de limitar abstrações foi a Condição de Alternância, que diz que regras de neutralização obrigatória não se aplicam em todas as ocorrências de um morfema, proibindo, assim, representações subjacentes que não tenham pelo menos uma representação na estrutura de superfície. Seu efeito é restringir as representações ao nível fonêmico. Posteriormente, o próprio Kiparsky reformula essa condição que passa a se chamar Condição de Alternância Revista e afirma que regras de neutralização obrigatória só se aplicam em ambientes derivados. Dessa forma, essa condição só se aplica em

estruturas subjacentes envolvidas com combinação de morfemas, seguindo-se a proibição de abstrações sem controle.

A Fonologia Lexical, que lida com regras e princípios, tem três mecanismos reguladores: o Ciclo, a Condição do Ciclo Estrito e o Princípio de Preservação de Estrutura. O último exige que regras sobre a formação de palavras respeitem o sistema fonológico da língua. O Ciclo está relacionado a regras fonológicas inter-relacionadas com a morfologia, que se repetem sempre que novos morfemas sejam acrescentados no processo de formação de palavras. A Condição do Ciclo Estrito determina que regras cíclicas somente se aplicam em ambientes derivados.

A restrição de regras cíclicas a ambientes derivados resolve muitos casos de opacidade como o do finlandês, mas persiste o problema de que as regras cíclicas também se aplicam, aparentemente, em ambientes não-derivados. Kiparsky (1982, 1985, p.87) soluciona a questão afirmando que as representações lexicais são governadas por dois sistemas: a) “um conjunto de regras universais e particulares, entre as quais as que suprem valores não-marcados de traços”; b) um conjunto composto de condições, como as de marcação, que admitem que certos valores de traços possam ser marcados. Em outros termos, há dois tipos de regras: regras de implementação de traços e regras de mudança. O acento e o preenchimento de segmentos subespecificados exemplificam o primeiro e palatalização da oclusiva coronal e metafoia verbal, também referida como harmonização, exemplificam o segundo.

Tanto no léxico quanto no pós-léxico, há regras que preenchem vazios e outras que mudam estruturas. Entre essas, figura a epêntese, objeto de nosso estudo. As primeiras são preservadoras, mas as segundas, se forem cíclicas, portanto lexicais, não criam segmentos novos, ao passo que, se forem pós-lexicais, podem criar alofones.

Um ponto a ser observado na aplicação de regras é o seguinte: a ordenação de regras pode ser conjuntiva (quando duas regras se aplicam na mesma derivação em determinada ordem), ou disjuntiva (quando duas regras são mutuamente exclusivas na mesma derivação). Especificamente para o ordenamento disjuntivo, Kiparsky propõe a condição Elsewhere que, no que diz respeito a duas regras candidatas ao mesmo contexto e destinadas ao mesmo componente, afirma que regras A e B aplicam-se disjuntivamente se a descrição estrutural de A (a regra

específica) inclui a descrição estrutural de B (a regra geral), e o resultado da aplicação de A em θ é diferente do resultado da aplicação de B em θ .

Do exposto, infere-se que a Fonologia Lexical organiza-se em dois componentes: o lexical (ao qual pertencem as regras fonológicas que interagem com a morfologia) e o pós-lexical (ao qual pertencem, entre outras, regras que criam alofones). Regras lexicais são cíclicas, sensíveis à Condição de Ciclo Estrito, preservadoras e têm exceções; as pós-lexicais caracterizam-se pela ausência dessas propriedades.

As análises, em sua maioria, dividem o léxico em dois níveis, o da raiz e o da palavra, respectivamente 1 e 2, considerando que há derivativos com base na raiz e derivativos com base na palavra. Os derivativos em foco nesse estudo têm por base a raiz; conseqüentemente, a análise a ser apresentada desenvolve-se no nível lexical 1, ciclo II.

Em resumo, a Fonologia Lexical possui recursos para distinguir regras de aplicação restrita de regras de uso geral, regras de mudança estrutural de regras de implementação e, com princípios e condições, resolve a opacidade de muitas regras, facilitando o alcance de generalizações.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 EPÊNTESE

Apesar de o tema deste estudo ser a epêntese consonantal, introduzimos a revisão sobre a epêntese vocálica para posteriormente mencionar a consonantal, por considerar que ambas são partes da silabificação e explicam-se pelos mesmos mecanismos. No português brasileiro, a mais frequente é a vocálica, mas a consonantal também ocorre, e é o foco desse estudo. Neste capítulo, busca-se um panorama do fenômeno. Para isso, seguem, resumidas, as ideias de Collischonn e Cristófaros-Silva e Almeida sobre epêntese vocálica no PB; Massini e Cagliari sobre epêntese consonantal no PB; e Ali, Daniloff e Hammarberg e Forakis e Port sobre a epêntese consonantal no inglês.

3.1.1 Epêntese vocálica

3.1.1.1 *A epêntese vocálica, segundo Collischonn*

Collischonn (1997) estuda a epêntese vocálica no português brasileiro. Em um primeiro momento, faz uma retomada do tratamento teórico dado ao tema, estendendo-se de Chomsky & Halle (1968), que consideram a epêntese como regra de inserção de vogal, aos autores que a apresentam como subproduto do processo de silabificação, como Lapointe & Feinstein (1982); Pigott e Singh (1986), Milliken (1988), Noske (1992), Pigott (1995) Mascaró (1989); e Itô (1989).

Collischonn afirma que entre as abordagens apresentadas, a mais interessante é a de Itô (1986, 1989). Essa abordagem, acrescida da modificação proposta por Pigott (1985) de que sílabas epentéticas não têm peso (o que explica tanto o fato de elas não terem acento como a variabilidade de sua realização) fundamenta a análise que apresenta.

Collischonn assinala que em palavras com *pneumático*, *psicologia* e *opção*, na fala popular, há a emissão de uma vogal entre as consoantes que não é representada na escrita. Essa vogal, na posição postônica, é reduzida, como acontece com a vogal da penúltima sílaba das proparoxítonas, tornando idênticas as pronúncias de *rapto* e *rápido*. Na fala culta, há o esforço de reduzir essa vogal também nas posições tônicas; e, em posição postônica final, tanto na fala popular como na culta, realiza-se com /i/ mais ou menos reduzido. Referindo Cagliari (1981), observa que esse fenômeno ocorre entre sequências de oclusiva e nasal bilabial, de oclusiva e fricativa alveolar surda e de oclusiva e outra consoante, exemplificando com as seguintes palavras, entre outras: *obter*, *submarino*, *obséquio*, *objeto*, *captar*, *ritmo*, *compacto*, *técnica*, *amnésia*, *afta*. Detém-se no estudo da epêntese que ocorre entre consoantes no meio da palavra (*rapto*); depois da consoante final (*VARIG*); e diante de grupo consonantal (*spa*).

O estudo considera, seguindo Itô, que a silabação em português obedece à direção direita-esquerda, o que indica que a posição da inserção da vogal está relacionada à direcionalidade da silabificação em português, embora essa não possa ser o único fator determinante da posição da epêntese em função de restrições fonotáticas da coda.

Apresenta evidências de que a epêntese pode ocorrer tanto no léxico quanto no pós-léxico, dois componentes da Fonologia Lexical nas línguas humanas. Em português, segundo a autora, ocorre no léxico, quando as restrições silábicas de uma língua estão ativas, e não no pós-léxico. Isso significa que a epêntese ocorre de forma categórica sempre que houver contexto, ou seja, quando existir uma consoante perdida que não pôde ser ajustada ao molde silábico em função das boas condições da língua.

Portanto, embora haja registros na literatura de que a epêntese é uma operação pós-lexical, Collischonn, neste estudo, defende a hipótese de que a epêntese seja lexical, pois deve estar de acordo com as condições de boa formação da sílaba. Admite que a sílaba, nestes casos, de acordo com Mascaró (1989), forma-se com o núcleo vazio a ser preenchido posteriormente, isto é, no final da derivação, e entendida como mecanismo de formação de palavras simples e complexas.

3.1.1.2 Epêntese vocálica, segundo Cristóvão Silva e Almeida

Cristóvão-Silva e Almeida (2006), em seu artigo “On the Nature of Epenthetic Vowels”, estudam as vogais epentéticas no português brasileiro, unindo análises experimentais e padrões distribucionais. Mostram que valores duracionais, consoantes adjacentes e estrutura prosódica são parâmetros relevantes para definir uma vogal como epentética.

Uma das questões que o estudo pretendeu investigar foi se vogais regulares sempre ocorriam em contraste com as epentéticas, em função de essas poderem ou não ser pronunciadas enquanto aquelas sempre são pronunciadas. Foi também verificado se o vozeamento de consoantes adjacentes favorece a epêntese. Além disso, foi considerado se vogais regulares e epentéticas têm características acústicas similares ou distintas e, para isso, foi medido o valor de duração de cada fala coletada. Também foi avaliado, levando em conta a posição prosódica da vogal epentética, se ela ocorria com taxas distintas nas posições fraca e forte do pé silábico.

Nos experimentos realizados para avaliar os valores duracionais dos dois tipos de vogais, epentética e não-epentética, foram escolhidos três grupos de consoantes. Neles, a primeira era uma oclusiva e a segunda uma oclusiva alveolar [kt], [pt], [bt]. O primeiro experimento tinha como objetivo principal medir a taxa de ocorrência de vogais regulares ou epentéticas em ambientes similares. O grupo é composto por seis palavras de cada tipo. São elas: *expectativa*, *reinfectado*, *equitação*, *emperiquitada*, *optar*, *readaptada*, *apitar*, *apitadas*, *obtenção*, *obturação*, *habitação* e *habituação*. O segundo experimento tinha como objetivo principal investigar a taxa de epêntese em um grupo maior de palavras, 36, divididas em três grupos de doze, cada um com uma das sequências. Nesses grupos, estavam palavras como *expectativa*, *intelectual*, *adaptação*, *optar*, *obter* e *subtrair*, por exemplo.

Os resultados das medições acústicas no experimento 1 indicam que tanto vogais regulares quanto epentéticas podem ser pronunciadas ou não, embora a taxa de pronúncia seja alta (78,6%). Em relação à omissão, vogais regulares foram omitidas cinco vezes menos que as epentéticas. Os resultados confirmaram que

consoante vozeada favorece a epêntese, e que as vogais regulares têm maior duração que as epentéticas.

O experimento 2, em que só vogais epentéticas foram analisadas, mostrou ocorrência um pouco mais baixa de epêntese que no experimento 1. Por outro lado, a consoante vozeada propiciou taxas mais altas de epêntese. Este experimento também constatou que 80,3% das epênteses ocorrem na posição fraca do pé, 65,2% na forte e que, quando acontecem na posição fraca, têm maior duração.

Com os experimentos, os autores encontraram argumentos para a tese de que as vogais epentética e não-epentética, ambas /i/, podem ou não ser pronunciadas, e que a epêntese é favorecida pela tendência de formação de sílaba CV no PB. Com esses resultados, os autores afirmam que a vogal epentética, assim como as demais, estão presentes nas representações lexicais, embora aquelas tenham menor duração que as regulares, distanciando-se, dessa forma, da proposta de Collischonn, no que diz respeito à silabificação no vazio.

3.1.2 Epêntese consonantal

3.1.2.1. Epêntese consonantal no português, segundo Massini e Cagliari

Massini e Cagliari (2000) mencionam que há um tipo de consoante, dita intrusiva, que se caracteriza por adicionar um segmento a uma palavra sem justificção etimológica. Os elementos intrusivos têm o efeito de facilitar uma pronúncia ou a percepção de sequências de segmentos sonoros, buscando adequação fonética ao contexto em que ocorrem. No estudo da epêntese consonantal em português, os autores valem-se da Teoria da Otimidade (TO), proposta por Prince & Smolensky (1993). A teoria afirma que todo segmento que for acrescentado ao output representa uma violação de uma restrição chamada DEP-IO, que faz parte da teoria de correspondência do *output* com relação ao *input*. Em outras palavras, a restrição DEP-IO diz que é proibida a inserção de segmentos no *output* que não estejam presentes no *input*.

Segundo os autores, a epêntese consonantal em português ocorre somente na juntura morfológica interna das palavras derivadas e tem como objetivo evitar o hiato, tradicionalmente preterido pela língua neste contexto, funcionando como *onset* da sílaba inicial do segundo morfema (chá + eira = chaleira; café + eira = cafeteira; tema + ico = temático). Também tem como objetivo não desfazer a estrutura silábica das palavras, como acontece com outros processos, como na elisão.

A forma típica de uma palavra derivada em português é constituída por um radical e por um ou mais afixos. Os tipos de segmento que ocorrem nesse contexto podem variar; no entanto, nem sempre a sua ocorrência condiciona o aparecimento da epêntese. Entretanto, um dos contextos mais comuns de epêntese acontece quando o radical termina por vogal e o sufixo começa por vogal, tônica ou átona.

Embora o português tenda a evitar hiatos, sobretudo em juntura interna de palavras, há casos em que isso acontece, como no caso de encontro de duas vogais tônicas (“caféico”), mas o mais comum é a inserção da consoante epentética, embora seja admissível a formação de hiatos (“cajuína”), até porque não se aplica regra de sândi quando a primeira vogal da juntura é tônica.

Além disso, os autores mostram outras situações em que discutem a possibilidade da consoante introduzida ser epentética ou não, apresentando as opções de análise com breve discussão. Por outro lado, ao discutirem os sufixos de grau (diminutivo), assumem que o afixo pertence a duas categorias, uma com a consoante *z* e outra sem ela. Na primeira, funciona como palavra fonológica independente, produzindo palavras do tipo composição e não derivação, o que não corre com os da segunda categoria. O fato de as formas diminutivas apresentarem a inserção de uma consoante *-z-* mostra que o radical, seguido do diminutivo, segue a regra geral da derivação, uma vez que na composição não há consoantes epentéticas.

Cagliari (2001) afirma que, em muitas palavras do português brasileiro, a presença de uma consoante epentética veio diretamente do latim, que aplicava a mesma regra de derivação (amplitude = amplo + i + t + ude (do latim *amplitudine*)). Como os sufixos são elementos lexicais produtivos para a geração de novas palavras, o processo de epêntese passou para o português e continuou operante em palavras derivadas dentro da língua, mesmo sem uma origem latina (robótica = robô + t + ica).

Observa também que, em português, as consoantes epentéticas têm articulação coronal, como nos seguintes exemplos: lava-t-ório, temá-t-ico, lava-d-eira, move-d-iço, pau-l-ada, lingua-r-udo, cafe-z-al, trai-ç-ão, nomea-ç-ão. Em contrapartida, o autor detecta a presença de uma consoante epentética não coronal, como em nari-g-udo, pagá-v-el e feri-m-ento, embora admita que o status dessas consoantes como epentéticas não seja muito claro, uma vez que no caso de *narigudo*, pode-se admitir a atuação da regra que transforma fricativas em oclusivas.

Essas são as idéias que conduzem a análise realizada pelos autores.

3.1.2.2 Epêntese consonantal no inglês, segundo Ali, Daniloff e Hammarberg

O artigo *Intrusive Stops in Nasal-Fricative Clusters: An aerodynamic and Acoustic Investigation*, de Latif Ali, Ray Daniloff e Robert Hammarberg (1979) apresenta os resultados de uma investigação aerodinâmica da ocorrência de consoantes oclusivas “intrusas” entre grupos de consoantes compostos por nasal + fricativa em inglês. Estas oclusivas são percebidas por silêncios frequentemente seguidos por um “estouro” de soltura de ar que precede a consoante fricativa. Em termos aerodinâmicos, as oclusivas em questão parecem ser resultado de uma prolongada oclusão oral da nasal que é solta com um vigoroso “estouro” de soltura antes da completa formação da seguinte constrição da fricativa.

O artigo segue com a apresentação dos experimentos desenvolvidos e aplicados para medir a ocorrência das oclusivas intrusas. O primeiro estudo leva em conta análises espectrográficas de palavras que contêm o grupo consonantal estudado, como *consonant*, *consistency*, *infancy*, *inferior*, *comfort*, *gunshot*, pronunciadas por três homens, americanos, adultos e graduados. Essa experiência mostrou que, em maior ou menor grau, estava presente a consoante intrusa.

O segundo experimento tinha como objetivo mensurar os fluxos de ar nasal e oral, a pressão oral de ar e a fala simultaneamente. Também pretendia julgar se, nas palavras que contêm os grupos consonantais estudados, a epêntese era, além de produzida, escutada. O estudo confirmou a correspondência entre percepção e produção.

3.1.2.3 Epêntese consonantal no inglês, segundo Fourakis e Port

O artigo *Stop Epenthesis in English*, de Marios Fourakis e Robert Port (1986), também examina a produção de grupos consonantais compostos de soantes+fricativas e soantes+oclusivas+fricativas por dois grupos de falantes de dialetos distintos de inglês: um dialeto sul-africano e outro do meio-oeste americano. As palavras testadas terminam em grupos consonantais de [n] ou [l] mais [s] ou [ts] e suas contrapartes vozeadas, como *dense*, *dents*, por exemplo. A análise espectrográfica dos dados revelou que os falantes do dialeto sul-africano mantinham um claro contraste entre os dois grupos consonantais estudados e que os falantes do dialeto do meio-oeste americano sempre inseriam a oclusiva depois da soante se a fricativa fosse desvozeada, mas com a fricativa vozeada, mais frequentemente omitiam a oclusiva em grupos consonantais subjacentes que contivessem uma oclusiva (/ldz/ ou /ndz/), embora, às vezes, inserissem uma oclusiva, como /nz/ ou /lz/.

O artigo de Ali, Daniloff e Hammarberg, assim como o de Fourakis e Port, embora interessantes por permitir uma visão do tratamento dado à epêntese consonantal no inglês, é bastante distinto do trabalho que vamos desenvolver; todavia, são esses os trabalhos sobre epêntese consonantal a que tivemos acesso.

Independentemente do modelo de análise adotado, as resenhas de epêntese vocálica e consonantal apresentadas oferecem suporte à análise ora apresentada, uma vez que têm um ponto em comum que as une: a presença de um segmento não previsto lexicalmente, seja vogal, seja consoante.

4 METODOLOGIA DA ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

4.1 INSTRUMENTO

Em um primeiro contato com os dados, consultamos gramáticos como Ribeiro (1950), Said Ali (1964), Almeida (1967), Bechara (2001); e linguistas como Basílio (1987, 2006), Rocha (1999) e Sandmann (1989, 1993). A partir da observação dos exemplos dados para os sufixos listados e de informações sobre a formação de palavras, foi possível identificar os mais produtivos, ou seja, os sufixos que apresentaram um maior número de palavras com epêntese consonantal: -ada, -al e -eiro.

Para montar o corpus desse trabalho, contamos exclusivamente com palavras escritas registradas no dicionário e captadas através da ferramenta de pesquisa do dicionário eletrônico Houaiss.

4.2 ORGANIZAÇÃO DO CORPUS

O desenvolvimento desse trabalho teve três etapas. Em um primeiro momento, foram revisitadas as gramáticas mais antigas, como as de Ribeiro (1950) de Said Ali (1964) e de Almeida (1967) para verificar a forma considerada para o sufixo, ou seja, se ele iniciava com a vogal ou com a consoante (-dade ou -ade em *felicidade*, por exemplo). Com o mesmo objetivo, foram consultadas gramáticas de edição recente, como Bechara (1999) e Rocha Lima (2002). As primeiras, embora considerem possibilidades de alomorfe para alguns sufixos (-ouro e -douro, -ório e -tório, entre outros) não apresentam essa opção para -ada, -al e -eiro, afixos escolhidos para a pesquisa por terem mostrado situações mais recorrentes de epêntese. Já as mais recentes consideram grande parcela dos sufixos listados iniciados por consoante. No entanto, essa análise parte do pressuposto, seguindo os gramáticos mais antigos, de que os sufixos, em geral, são iniciados por vogal e, por conseguinte, que essa consoante é intrusiva.

Identificados os sufixos com maior ocorrência de epêntese nos exemplos das gramáticas, foi usada a ferramenta de pesquisa do dicionário eletrônico. Nela, foram digitados, um a um, os sufixos e selecionadas as palavras cuja consoante era intrusiva.

As palavras nas quais identificamos a ocorrência do fenômeno estudado foram separadas em três grupos, um para cada sufixo em estudo (-ada, -al e -eiro). Esses grupos foram subdivididos respeitando a tonicidade da última sílaba da palavra base, criando dois grupos para cada sufixo. Dessa forma, temos, para o sufixo -ada, os grupos (Ia) e (Ib), com palavras-base como *guri* e *chuva*; para -al, os grupos (IIa) e (IIb), com palavras-base como *piri* e *milho*; e, -eiro, os grupos (IIIa) e (IIIb), com palavras-base como *chuchu* e *fogo*, itens que servirão de exemplo para as análises.

Dentro de cada grupo, foram listadas as palavras encontradas de acordo com a consoante epentética mais frequente. Os casos em que a epêntese não ocorre, seja com a opção por hiato, seja com a consoante final da coda configurando-se como *onset* da sílaba seguinte, estão citados e explicados no corpo da análise.

5 ANÁLISE

5.1 INTRODUÇÃO

Segundo Mattoso Câmara (1981, p. 205), radical é a “parte lexical de um vocábulo, que se opõe à parte correspondente à flexão externa, a que se liga ou não pelo índice temático. Quando essa parte lexical é apenas um semantema, tem-se o radical primário ou raiz”. Quando a vogal pertence ao radical, ela é tônica. Em contrapartida, segundo o mesmo autor (1981, p. 231), tema é a “parte do vocábulo flexional em que o radical se amplia com um segmento fônico, chamado índice temático, que serve de característica mórfica de um conjunto de vocábulos da mesma espécie. [...] são com -a, -e, -o átonos finais”.

De acordo com Mattoso Câmara, as palavras dividem-se em temáticas e aтемáticas. As primeiras terminam em vogal átona: filho, mata; as segundas, em vogal do radical: café, guri.

A derivação das palavras que servem de exemplo para cada grupo seguiu a Teoria Lexical, que compreende dois componentes, lexical e pós-lexical. Como somente o primeiro tem envolvimento com a morfologia, esta análise nele se desenvolve.

No processo derivacional das palavras analisadas, contam-se com os seguintes processos ou regras: silabificação, acento, adjunção do sufixo, Convenção de Apagamento do Acento, silabificação no vazio e regra *default*, que passam a ser definidos. Outras regras serão particularizadas no corpo do trabalho:

- i – Silabificação: mapeamento ao molde CCVCC.
- ii – Regra de acento: Segundo Bisol (1994, p. 34):
 - a) Atribua um asterisco à sílaba pesada final;
 - b) Nos demais casos, forme um pé binário com cabeça à esquerda junto à borda direita da palavra.

iii – Adjunção do sufixo: a entrada do afixo ocorre no ciclo II, precedendo as regras fonológicas que a ele estão relacionadas.

iv – Convenção de Apagamento do Acento (CAA): de acordo com a teoria, a cada mudança de ciclo, o acento é apagado.

v – Silabificação no vazio: segmento flutuante, ou seja, não mapeado, é silabificado por meio de um vazio a ser preenchido posteriormente.

5.2 ANÁLISE PROPRIAMENTE DITA

5.2.1 Sufixo -ada

As palavras formadas com esse sufixo que apresentam epêntese perfazem um total de 36 e foram divididas em dois grupos: o primeiro (Ia), composto por palavras terminadas em vogal que pertencem ao radical; o segundo (Ib), composto por palavras terminadas em vogal temática, que, por natureza, é sempre átona.

5.2.1.1 Grupo (Ia)

O grupo (Ia), mais numeroso com esse sufixo, conta com 23 palavras derivadas de bases que possuem a sílaba final tônica, ou seja, a vogal final pertence ao radical. Desse total, 21 apresentam /z/ como consoante epentética. As duas palavras restantes, *chapelada* e *paulada*, por ora incluídas no corpus, têm /l/ ao invés de /z/. Cabe frisar que, dentre as ocorrências, não há nenhuma variação com hiato.

- | | |
|--------------------------------------|--------------------------------|
| 1. aleuzada = aléu + z + ada | 2. imbuzada = imbu + z + ada |
| 3. anguzada = angu + z + ada | 4. mamãezada = mamãe + z + ada |
| 5. araçazada = araçá + z + ada | 6. mãozada = mão + z + ada |
| 7. bacalhauzada = bacalhau + z + ada | 8. pazada = pá + z + ada |

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------|
| 9. belenzada = Belém + z + ada | 10. pezada = pé + z + ada |
| 11. buritizada = buriti + z + ada | 12. piazada = piá + z + ada |
| 13. canzoada = cão + z + ada | 14. sirizada = siri + z + ada |
| 15. chazada = chá + z + ada | 16. sururuzada = sururu + z + ada |
| 17. chiruzada = chiru + z + ada | 18. umbuzada = umbu + z + ada |
| 19. curuminzada = curumim + z + ada | 20. chapelada = chapéu + l + ada |
| 21. gibizada = gibi + z + ada | 22. paulada = pau + l + ada |
| 23. gurizada = guri + z + ada | |

Tomaremos como exemplo deste grupo para análise a palavra derivada *gurizada*. De acordo com a Fonologia Lexical, a derivação acontece no nível lexical, que possui dois ciclos: no ciclo I, a parte correspondente ao radical é, no caso deste estudo, analisada em termos de silabificação e acento, cujas regras estão sempre presentes no processo de afixação. Segundo Bisol (1994), admitindo o parâmetro do peso inerente à rima ramificada de Hayes (1981), o português estrutura suas sílabas em pés métricos binários de cabeça à esquerda (* .) a partir da borda direita, projetando-se duas regras de acento, que retomamos.

Regras de acento (Bisol, 1992, p.34).

- a) Atribua um asterisco à sílaba pesada final;
- b) Nos demais casos, forme um pé binário com cabeça à esquerda junto à borda direita da palavra.

Dessas regras, a primeira, a da Sensibilidade Qualitativa, atribui um asterisco à sílaba final de rima ramificada, inerentemente portadora de acento. No caso de sílabas finais leves, são criados pés binários de cabeça à esquerda a partir da borda direita da palavra para que a segunda regra atue.

No caso de palavras oxítonas terminadas em vogal, não derivadas (em que se enquadram as palavras-base do grupo (Ia), a proposta é que elas recebam acento pela regra (i a). Nesses casos, Bisol (1992) postula a existência de uma consoante final abstrata, na forma lexical, porque estas sílabas comportam-se como sílabas pesadas. Essa consoante se superficializa em palavras derivadas, como as apresentadas nesse trabalho e, quando não se liga a nenhum nó de raiz, essa consoante é apagada por convenção.

Considerando que a sílaba é constituída por unidades de peso, as moras (Troubetzkoy, 1939; Hyman, 1985), e que as sílabas leves possuem uma mora e as pesadas têm duas, essa consoante abstrata da coda faz com que a sílaba final torne-se pesada e, conseqüentemente, atraia o acento em função da regra (iia). A inserção de uma mora é chamada de cataláxis, e um importante resultado disso é que o segmento apagado por convenção, ao não ser ligado a nenhum nó silábico, mantém sua mora, podendo ser reassociado a outro segmento adjacente, o que ocorre na derivação, no ciclo II, momento em que a consoante subjacente se superficializa, como veremos na análise.

No ciclo II, ocorre a adjunção do afixo, regra morfológica e, imediatamente, atua a Convenção de Apagamento do Acento (CAA), pois, de acordo com a teoria, o acento é apagado a cada mudança de ciclo. Seguem-se as regras fonológicas, voltando o ciclo da silabificação e o do acento. Como vemos, o ciclo II é o da interação morfologia – fonologia, em que a morfologia e a fonologia estão em interface, ou seja, as regras fonológicas dependem da inserção do morfema, isto é, não se aplicam livremente, mas aguardam a inserção do morfema introduzido para, então, operar.

Entre um radical acabado em vogal, que sempre vem à superfície com acento, e um afixo iniciado por vogal, a derivação, para evitar o hiato (guriada) vale-se da epêntese consonantal e forma uma sílaba CV, o padrão mais geral nas línguas do mundo.

Seguindo Mascaró (1989), a epêntese é resolvida no processo de silabificação por meio da introdução de um C vazio, ou V no caso da epêntese vocálica, subespecificado, a ser preenchido posteriormente. Embora, nesta análise, o preenchimento ocorra no final do ciclo II, Mascaró deixa em aberto a possibilidade de ocorrer no fim do ciclo I ou no final da derivação. Como vemos nos grupos I no decorrer desse trabalho, a consoante que mais ocorre, quando o radical acaba em vogal que se superficializa com acento, é /z/: *guri* > *gurizada*.

Admitindo-se que o léxico possua dois componentes, o lexical e o pós-lexical, e que o primeiro trata de regras fonológicas que interagem com a morfologia e o segundo só trata de regras fonológicas e fonéticas, é no componente lexical que se situa a análise a ser apresentada. Considerando-se, por outro lado, que o componente lexical possui dois níveis, o da raiz e o da palavra, é no nível da raiz que entram os afixos em estudo. As regras para sua formação são necessariamente

cíclicas, isto é, silabificação e acento voltam a ser aplicadas quando um novo morfema é introduzido.

A suspeita da ocorrência de epêntese consonantal se dá em função da regularidade e da frequência de inserção de /z/. Por isso, acreditamos que aqui atua o que chamamos de regra *default* 1: *default* é /z/ para palavras terminadas em vogal do radical:

Regra *default* 1:

$$\begin{array}{c} \text{C} \\ | \\ \text{[0 F]} \end{array} \longrightarrow \text{[+cons + cont + cor + so]} / \text{V}_{[\text{rad}]} \text{ — V...[afix]}$$

Admitindo-se que tais palavras possuem um C invisível, a análise segue os seguintes passos, onde C ocupa uma das posições do *template*:

(1) Palavras acabadas em vogal do radical: sufixo -ada

Estrutura subjacente	/guriC/	/guriC + ada/	
			Silabificação
	gu'r iC	-----	Acento R(iiia)
Ciclo I	-----	gu'r iCada	Adjunção do sufixo
	-----	guriCada	CAA
	-----		Silabificação no vazio
		gu.ri.'_a.da	Acento R(iiib)
		gu ri 'za da	Regra default
	gu.'ri	-----	Apg. de C por convenção
	-----	[guri'zada]	Redução da átona final
Output	[gu'ri]	[guri'zade]	

Na estrutura subjacente, a palavra-base, em função do acento, possui uma mora introduzida por cataláxis, que torna pesada a sílaba final. No ciclo I, com a adjunção do sufixo, essa posição fica disponível para o *onset* da sílaba seguinte, de acordo com o *template*. Considerando que a posição criada por cataláxis não possui nenhum traço fonético, a consoante que a ocupa é um caso de epêntese.

Em relação aos termos *chapelada* e *paulada*, consideramos que ambas não são casos de epêntese consonantal pelas razões expostas a seguir.

Walsh (1995), ao determinar a constituição das laterais, afirma que frequentemente essas consoantes comportam-se como coronais, mas pode-se ver dorsalidade em sua articulação, o que faz com que todas as laterais possam ser classificadas como segmentos complexos corono-dorsais. Uma das evidências para a dupla articulação advém do resultado da perda de um articulador, um segmento não lateral. Quando laterais perdem o traço coronal, o segmento dorsal resultante é quase sempre um vocoide. No português brasileiro, os dois traços distribuem-se da seguinte maneira: a lateral se manifesta [-post] antes de vogal, em sílabas CV ou CCV (lata, placa) e [+post] na coda de sílaba (final>finaw) na maioria dos dialetos.

No caso de *chapéu*, a vocalização da lateral foi consagrada pela escrita, embora sua origem, à semelhança de *hotel* (que mantém a lateral na coda até hoje) como no francês antigo (*chapel*). No processo de sufixação, como se pode observar nas derivadas *chapelada*, *chapelão*, *chapelaria*, *chapeleiro*, *chapeleta*, entre outras, a palavra retoma sua forma antiga com [l] que, nesse caso, não pode ser considerada consoante epentética, pois está na origem da palavra, como /t/ em *abacate* > *abacateiro*.

No caso de *paulada*, a distribuição referida acima não se manifesta, pois a lateral não substitui o glide, mas aparece a seu lado. A escolha pela lateral como consoante introduzida na sufixação é encontrada em outras palavras derivadas de *pau* registradas na última versão do dicionário eletrônico Houaiss, *paulama* (“muitos paus”) e *paulito* (“pequeno pau usado como alvo em jogos”).

Utilizando a ferramenta de pesquisa do dicionário referido para buscar outras palavras derivadas que iniciem por “pau”, foram encontradas não só *paulada*, *paulama* e *paulito*, que guardam estreita relação de sentido com a base pesquisada, mas também são registradas palavras como *paulatino* (“em etapas”), *paulificar* (“amolar”) e outras dessa família como *paulificador*, *paulificação*, *paulificante*, *paulificância*, que constrói a derivação da mesma forma, ou seja, mantém o glide e acrescenta a lateral.

Em relação especificamente à *paulada*, que faz parte do *corpus* dessa pesquisa, acreditamos que é importante para a compreensão da palavra que o glide seja mantido mesmo com a entrada de //l/. Se [u] fosse apagado e gerasse *palada*, a relação de significado com *pau*, a palavra primitiva, seria opacificada, o que não ocorre na formação de *paulada*. Acreditamos que essa derivação esteja lexicalizada, ocasionando uma epêntese que não a esperada para a palavra, ou seja, *pauzada*.

Além disso, cabe mencionar que, segundo Carvalho e Nascimento (1970), o vocábulo *pau* origina-se do vocábulo latino *palus*, que, no português, por síncope da consoante intervocálica, passou à forma que se mantém até hoje, com o ditongo. Essa ditongação é ainda reforçada por Nunes (1951, p. 70): “Se -e e -o, finais de origem ou tornados tais posteriormente, vêm a por-se em contacto com a tónica, em consequencia da queda de consoante intermédia, formam com ela os ditongos decrescentes: -ai, -ei, -oi, -au –eu”, acrescentando *palu*, *pau* entre os exemplos listados. Essa consoante presente na origem aproxima a análise de *paulada* à de *chapelada*, motivo pelo qual acreditamos que aqui também não há ocorrência de epêntese.

5.2.1.2 Grupo (Ib)

O grupo (Ib), composto por palavras-base que mantêm a vogal temática, tem 13 itens, e todos apresentam /r/ como consoante intrusiva, tornando esse o mais homogêneo dos grupos dessa pesquisa.

- | | |
|----------------------------------|-----------------------------------|
| 1. bicharada = bicho + r + ada | 2. fumarada = fumo + r + ada |
| 3. chinrada = china + r + ada | 4. galharada = galho + r + ada |
| 5. churarada = chuva + r + ada | 6. gentarada = gente + r + ada |
| 7. cusparada = cuspe + r + ada | 8. laçarada = laço + r + ada |
| 9. espumarada = espuma + r + ada | 10. linguarada = língua + r + ada |
| 11. filharada = filho + r + ada | 12. milharada = milho + r + ada |
| 13. folharada = folha + r + ada | |

A análise desse grupo será exemplificada pela derivação de *churarada*. O procedimento segue as etapas do grupo (Ia): silabificação e acento no início; junção do afixo, Convenção de Apagamento do Acento (CAA) e regras fonológicas no ciclo I.

Neste caso, por ser a vogal da base átona, ou seja, vogal temática, o esperado seria que ela fosse apagada, como ocorre em *rosa>roseiral*, por exemplo.

Entretanto, nas palavras aqui agrupadas, há intersecção de uma consoante e não o apagamento da vogal temática. Algumas palavras permitem ambas as derivações, como *chugarada~chugada*, sem que exista alteração de significado. Em outras palavras, porém, verifica-se que a presença ou a ausência da vogal temática acarreta pequena mudança de sentido: *laçada* significa “nó corredio facilmente desatável, com uma única alça”, *laçarada* diz respeito a “certa quantidade de laços para enfeite; laçaria”.

A derivação deste grupo, assim, forma, como o anterior, uma sílaba CV no momento da silabificação neste ciclo. Também se observa que existe certa regularidade com respeito à consoante introduzida em caso de palavras terminadas em vogal temática, /r/. Essa consoante, em nossa análise, será considerada *default* para palavras-base terminadas em vogal temática, ou seja, com a última sílaba átona, e obedecerá a seguinte regra:

Regra *default* 2:

$$\begin{array}{c} \text{C} \\ | \\ \text{[0 F]} \end{array} \longrightarrow \text{[+soante, - nasal, -lat] / V }_{\text{[tema]}} \text{V} \dots \text{[afix]}$$

(2) Palavras acabadas em vogal temática: sufixo -ada

Estrutura subjacente	/ʃuva/	/ʃuva+ ada/	
			Silabificação
	'ʃu.va		Acento R(iib)
Ciclo I	----- -----	'ʃu.va ada ʃu.va ada	Adjunção do sufixo CAA
	-----		Silabificação no vazio
	----- -----	ʃu.va.'__ a.da ʃu va 'ra da	Regra de acento IIb Regra default
	'ʃu.va.	ʃu va 'ra da	Redução da átona final
Output	[ʃuve]	[ʃuva'rade]	

Nesse grupo, embora exista a possibilidade de apagar a vogal temática da palavra primitiva, não foram observadas exceções em relação à presença consoante inserida, que é sempre /r/. Destacamos que, em todos os outros grupos, ocorre a intrusão de consoantes que não obedecem à regra, e o fato de elas serem epentéticas ou não será discutido no final do presente capítulo.

Outra regularidade interessante verificada nesse grupo é a vogal temática que chega à superfície ser sempre /a/, independentemente da base. Estamos admitindo, nesse exemplo e nos demais que se comportam da mesma forma, que a conversão da vogal temática em /a/ ocorre por analogia com as palavras terminadas em -mente, que comumente trocam o por a em sua formação (ele é calmo, mas ele fala

calmamente), como se pode observar no caso de cuspe, cusparada, analisado a seguir.

(3) Palavras acabadas em vogal temática /e/: sufixo -ada

Estrutura subjacente	/kuspe/	/kuspe + ada/	
			Silabificação
	'kus.pe	-----	Acento R(iib)
Ciclo I	-----	'kus.pe ada	Adjunção do sufixo
	-----		CAA
	-----	kuspe ada	
	-----	kus.pa ada	Analogia
	-----		Silabificação no vazio
	-----	kus.pa.'_a.da	Acento R(iib)
	-----	kus pa 'ra da	Regra default
	'kuspi	kuspa'rade	Redução da átona final
Output	['kuspi]	[kuspa'rade]	

5.2.2 Sufixo -al

As palavras formadas com esse sufixo que apresentam epêntese perfazem um total de 63, que foi dividido em dois grupos: o primeiro (IIa), composto por palavras terminadas em vogal que pertencem ao radical; o segundo (IIb), composto por palavras terminadas em vogal temática.

5.2.2.1 Grupo (IIa)

O grupo (IIa) conta com 53 palavras derivadas; todas as suas bases apresentam a vogal final acentuada e apresentam /z/ como consoante epentética. Entre essas, há a presença de *caroatal*, variante de *caroazal*, que segue a regra.

Além disso, é nesse grupo que se observam mais variações em que a opção com hiato é registrada no dicionário (*babaçu* > *babaçuzal*~*babaçual*, *bambu* > *bambuzal*~*bambual*, *caju* > *cajuzal*~*cajual*), ou outras em que a epêntese não ocorre (*capim* > *capinzal*~*capinal* e *caraguatá* > *caraguatazal*~*caraguatal*).

- | | |
|---------------------------------------|--|
| 1. abacaxizal = abacaxi + z + al | 24. caroazal~caroatal = caroá + z (t) + al |
| 2. açazal = açai + z + al | 25. gravatazal = gravatá + z + al |
| 3. acurizal = acuri + z + al | 26. guabijuzal = guabiju + z + al |
| 4. aguapezal = aguapé + z + al | 27. guaranazal = guaraná + z + al |
| 5. araçazal = araçá + z + al | 28. igapozal = igapó + z + al |
| 6. araparizal = arapari + z + al | 29. imburizal = imburi + z + al |
| 7. aturiazal = aturiá + z + al | 30. imbuzal = imbu + z + al |
| 8. babaçuzal = babaçu + z + al | 31. inajazal = inajá + z + al |
| 9. bacurizal = bacuri + z + al | 32. jarazal = jará + z + al |
| 10. bambuzal = bambu + z + al | 33. jauarizal = jauari + z + al |
| 11. buritizal = buriti + z + al | 34. jerivazal = jerivá + z + al |
| 12. burizal = buri + z + al | 35. licurizal = licuri + z + al |
| 13. butiazal = butiá + z + al | 36. maricazal = maricá + z + al |
| 14. cafezal = café + z + al | 37. mirinzal = mirim + z + al |
| 15. caimbezal = caimbé + z + al | 38. mocozal = mocó + z + al |
| 16. cajuzal = caju + z + al, | 39. muricizal = murici + z + al |
| 17. camarazal = camará + z + al | 40. muritizal = muriti + z + al |
| 18. cambuizal = cambuí + z + al | 41. murumuruzal = murumuru + z + al |
| 19. canzoal = cão + z + o = al | 42. parazal = Pará + z + al |
| 20. capinzal = capim + z + al, | 43. pirizal = piri + z + al |
| 21. caraguatazal = caraguatá + z + al | 44. rebentãozal = rebentão + z + al |
| 22. carandazal = carandá + z + al | 45. sapezal = sapê + z + al |
| 23. carazal = cará + z + al | 46. saraizal = saraí + z + al |

47. saranzal = sarã + z + al

48. tacuruzal = tacuru + z + al

49. tucunzal = tucum + z + al

50. uauaçuzal = uauaçu + z + al

51. umarizal = umari + z + al

52. umbuzal = umbu + z + al

53. umirizal = umiri + z + al

A derivação de pirizal² exemplifica esse grupo e respeita, como os demais, os princípios da Fonologia Lexical. De acordo com o exposto, a derivação acontece no ciclo I do nível da raiz.

Nesse grupo, a consoante intrusiva /z/ está sempre presente nas palavras formadas. Há algumas variações com [t], como *caroazal~caroatal*, nas quais a coronalidade se mantém.

Confirmando o que foi observado no grupo anterior, a consoante que mais ocorre, quando o radical acaba em vogal acentuada, é /z/. Para a acentuação desse grupo, mais uma vez, seguimos Bisol (1994), e acentuamos palavras acabadas em vogal do radical como se a sílaba final fosse pesada, admitindo um C vazio em sua subjacência.

² Pirizal: “extenso aglomerado de piris (erva nativa do Brasil, de colmo que atinge 1m, folhas lineares [...] que fornece fibra para esteiras e outras obras trançadas e celulose própria para o fabrico de papel translúcido em determinada área; junco)” (Dicionário Houaiss eletrônico)

(4) Palavras acabadas em vogal do radical: sufixo -al³

Estrutura subjacente	/piriC/	/pir iC + aɫ/	
			Silabificação
	pi.'riC		Acento R(ia)
Ciclo I	-----	pi.'ri Caɫ	Adjunção do sufixo
	-----	pi.r i Caɫ	CAA
	-----		Silabificação no vazio
	-----	pi.ri. _aɫ	Acento R(iib)
	-----	pir i 'zaɫ	Regra default
	pi.'ri	-----	Apagamento por convenção
Output	[pi'ri]	[piri'zaɫ] ⁴	

5.2.2.2 Grupo (IIb)

O grupo (IIb) é composto por 7 palavras que têm as bases terminadas em vogal temática e é o que possui maior diversidade em relação à consoante intrusiva.

As palavras *lingual* e *milharal* seguem a regra geral das palavras cuja base preserva a vogal temática.

³ O processo de epêntese aqui apresentado está discutido no final da derivação (1).

⁴ Estamos representando a derivação com ɫ, embora a opção por /w/ seja uma tendência do português brasileiro.

Admitindo que /r/ é *default* para o caso, o que havia sido constatado no grupo lb, do sufixo -ada, encontram-se variações que tornam esse grupo o menos homogêneo e que podem ser observadas abaixo.

- | | |
|----------------------------|--------------------------------|
| 1. ervaçal = erva + ç +al | 2. linguaral = língua + r + al |
| 3. lamaçal = lama + ç +al | 4. milharal = milho + r + al |
| 5. lodaçal = lodo + ç +al | 6. manguezal = mangue + z + al |
| 7. matagal = mata + g + al | |

A derivação representativa desse grupo, *milharal*, que possui também as variações sem epêntese e a com hiato (*milho* > *milharal*~*milhal*~*milhoal*), conta com o processo de assimilação já referido, pois a maioria das palavras que preserva a vogal temática tende a atribuir-lhe os mesmos traços da vogal do radical.

(5) Palavras acabadas em vogal temática: sufixo -al

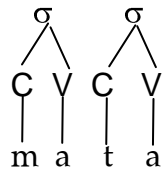
Estrutura subjacente	/miλo/	/miλo + aɫ/	
			Silabificação
	'mi. λo		Acento R(iib)
Ciclo I		'mi . λo aɫ	Adjunção do sufixo
		mi. λo aɫ	CAA
		mi. λa aɫ	Analogia
			Silabificação no vazio
		mi.λa.'_aɫ	Acento R(ia)
		mi λa 'raɫ	Regra default
		-----	Redução da átona
Output	[mi λu]	[miλa 'raɫ]	

Considerando-se que diacríticos (D), como marcas de exceção, são comuns em descrições linguísticas, as epênteses que fogem à regra geral estão marcadas por D – C, onde C é a consoante a ser introduzida na derivação. Por exemplo, *matagal*, que em vez de /z/ recebe /g/, terá o diacrítico /g/.

Em palavras lexicalmente marcadas, a consoante epentética emerge diretamente na silabificação, sem passar pelo procedimento da silabificação no vazio, de modo que, ao chegar a vez da aplicação da regra default, não há contexto disponível. Como exemplo desse comportamento, segue a derivação de *matagal* que é um dos itens de exceção à regra geral, inserção de /r/, pois são derivadas cujas bases terminam em vogal temática.

(6) Palavras com consoante marcada

Estrutura subjacente /mata/ /mata + gaʔ/

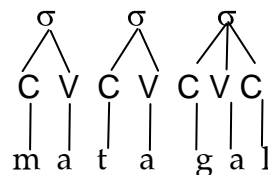


'ma.ta

Ciclo I

'ma. ta al_{D-g}

ma ta al



ma.ta.'gaʔ

Output ['mate]

[ma ta 'gaʔ]

Silabificação

Acento R(iiib)

Adjunção do sufixo

CAA

Silabificação

Acento R(iiib)

Regra default

Redução da átona

Levando em conta que três palavras deste grupo opta, por /s/ em vez de /r/, que é a regra geral para palavras-base terminadas em vogal temática, acreditamos que isso ocorra para quebrar o platô de sonoridade da palavra, otimizando o contexto. Como /r/ não tem a contraparte surda, emerge /s/, tomando a consoante mais geral e característica das palavras-base terminadas em vogal do radical. Se [+so] C [+so], então [+so] [-so] [+so], o que consideramos um efeito de OCP.

A palavra *manguezal*, por sua vez, opta por /z/ em vez de /r/, ajustando-se à regra geral das palavras acabadas em vogal do radical ao invés da regra de seu grupo, ou seja, as palavras acabadas em vogal temática. Esse ajuste pode ser explicado da seguinte maneira: se sua formação seguisse o que aconteceu com o grupo Ib, ou seja, a entrada de /r/, a palavra derivada seria **mangueral*, o que poderia causar confusão com *mangueiral*, perdendo a noção de que a primeira variação, se existisse, seria relativa à *manga* e não a *mangue*. Assim, a opção que

em um primeiro momento parece estranha, é a que melhor atende à transparência semântica da derivação (*mangue* > *mangueza*).

5.2.3 Sufixo -eiro

Esse grupo é formado por 89 palavras com o sufixo -eiro. Esse total foi dividido em dois subgrupos: o primeiro (IIIa), composto por palavras terminadas em vogal que pertencem ao radical; o segundo, (IIIb), composto por palavras terminadas em vogal temática.

5.2.3.1 Grupo (IIIa)

O grupo (IIIa), mais numeroso, conta com 86 palavras, das quais 82 apresentam /z/ como consoante epentética. As demais quatro por ora incluídas apresentam /t/.

Nesse grupo, observam-se variações de palavras sem epêntese quando a palavra base é terminada em nasal (*alecrim* > *alecrinzeiro*~*alecrineiro* e *cupim* > *cupinzeiro*~*cupineiro*). Nestes casos, a nasal final pode manifestar-se como *onset* da sílaba seguinte, o que se espera de derivativos de bases acabadas em nasal.

Ainda há, entre essas palavras, as que preservam o hiato, como *urucum* > *urucunzeiro*~*urucueiro* – que, ao contrário do que poderia esperar, não silabifica a nasal da coda como *onset* da sílaba seguinte, como nos exemplos anteriores; e as que têm variação entre a consoante epentética e a construção de ditongos (*cacau* > *cacauzeiro*~*cacaueiro*~*cacoeiro*, *caju* > *cajuzeiro*~*cajueiro*, *guabiju* > *guabijuzeiro*~*guabijueiro* e *zebu* > *zebuzeiro*~*zebueiro*).

No caso da variação *araçazeiro*~*araçareiro*, mais uma vez se confirma a preferência da epêntese por uma consoante coronal. Cabe ressaltar, além disso, que as duas regras que elegem as consoantes intrusivas aparecem como variantes da mesma derivação: embora *araçá*, a palavra base, tenha a última sílaba acentuada, o que acarretaria a inserção de /z/, também é permitida a entrada de /r/,

que é a regra para o grupo que tem como base palavras terminadas em vogal temática.

1. abacaxizeiro = abacaxi + z + eiro
3. abricozeiro = abricó+ z + eiro
5. açaúzeiro= açaú + z + eiro
7. açazeiro = açáí + z + eiro
9. águaizeiro = águaí + z + eiro
11. alecrinzeiro = alecrim + z + eiro
13. amapazeiro = amapá + z + eiro
15. anduzeiro = andu + z + eiro
17. apazeiro = apá + z + eiro
19. apuzeiro = apuí + z + eiro
21. araçazeiro = araçá + z + eiro~ araçareiro
23. araticunzeiro = araticum + z + eiro
25. bacuparizeiro = bacupari + z + eiro
27. banguzeiro = banguê + z + eiro
29. biribazeiro = biribá + z + eiro
31. rogarizeiro = bogari + z + eiro
33. buritizeiro = buriti + z + eiro
35. butiazeiro = butiá + z + eiro
37. cacauzeiro = cacau + z + eiro
39. cafezeiro = café + z + eiro
41. cajuzeiro = caju + z + eiro,
43. cambuazeiro = cambucá + z + eiro
45. cambuizeiro = cambuí + z + eiro
47. candomblezeiro = candomblé + z + eiro
49. capitarizeiro = capitari + z + eiro
51. caquizeiro = caqui + z + eiro
53. catimbauzeiro= catimbau + z + eiro
55. catimbozeiro = catimbó + z + eiro
57. chazeiro = chá + z + eiro
59. chuchuzeiro = chuchu + z + eiro
61. cuitêzeiro = cuitê + z + eiro
63. cumaruzeiro = cumaru + z + eiro
65. cupinzeiro= cupim + z + eiro,
2. ingazeiro = ingá + z + eiro
4. jacarezeiro = jacaré + z + eiro
6. jembezeiro = jembê + z + eiro
8. jeribazeiro = jeribá + z + eiro
10. jerimunzeiro = jerimum + z + eiro
12. jerivazeiro = jerivá + z + eiro
14. juazeiro = juá + z + eiro
16. licurizeiro = licuri + z + eiro
18. lunduzeiro = lundu + z + eiro
20. maracujazeiro = maracujá + z + eiro
22. mucajazeiro = mucajá + z + eiro
24. mulunguzeiro = mulungu + z + eiro
26. muricizeiro = murici + z + eiro
28. muritizeiro = muriti + z + eiro
30. oitizeiro = oiti + z + eiro
32. ouricurizeiro = ouricuri + z + eiro
34. paletizeiro = paletó + z + eiro
36. pãozeiro = pão + z + eiro
38. parazeiro = pará + z + eiro
40. pequizeiro = pequi + z + eiro
42. piauizeiro = piauí + z + eiro
44. picãozeiro= picão + z + eiro
46. puçazeiro = puçá + z + eiro
48. saguzeiro = sagu + z + eiro
50. sapezeiro = sapê + z + eiro
52. sapotizeiro = sapoti + z + eiro
54. sururuzeiro = sururu + z + eiro
56. tacacazeiro = tacacá + z + eiro
58. tarozeiro = tarol + z + eiro
60. tarumazeiro = tarumã + z + eiro
62. taxizeiro = taxi + z + eiro
64. terecozeiro = terecó + z + eiro
66. tucunzeiro = tucum + z + eiro

67. cupuaçuzeiro = cupuaçu + z + eiro

69. cururuzeiro = cururu + z + eiro

71. dendezeiro = dendê + z + eiro

73. forrozeiro = forró + z + eiro

75. guabijuzeiro = guabiju + z + eiro

77. guaranazeiro = guaraná + z + eiro

79. gurizeiro = uri + z + eiro

81. icozeiro = icó + z + eiro

83. imbuzeiro = imbu + z + eiro

85. inajazeiro = inajá + z + eiro

68. umbuzeiro = umbu + z + eiro

70. uruazeiro = uruá + z + eiro

72. urubuzeiro = urubu + z + eiro

74. urucuzeiro = urucum + z + eiro,

76. vapozeiro = vapor + z + eiro

78. zebuzeiro = zebu + z + eiro

80. abricoteiro = abricó + t + eiro

82. crocheteiro = abricó + t + eiro

84. cafeteiro = café + t + eiro

86. tricoteiro = tricô + t + eiro

O exemplo que representa esse grupo, *chuchuazeiro*, apresenta-se com a silabificação do radical no ciclo I e ocorrem as etapas já mencionadas nas derivações anteriores (grupos (Ia) e (IIa)). A consoante intrusiva predominante nesse grupo também é /z/, considerada *default*, dada a generalidade de seu uso.

(7) Palavras acabadas em vogal do radical: sufixo -eiro⁵

Estrutura subjacente	/ʃuʃuC/	/ʃuʃuC + eiro/	
			Silabificação
Ciclo I	ʃuʃuC		Acento R(iia)
		ʃuʃu C e j r o	Adjunção do sufixo
		ʃuʃuCe j r o	CAA
			Silabificação no vazio
	ʃuʃu		Apg. de C por convenção
		ʃuʃu_ e j r o	Acento R(iib)
	ʃuʃu	ʃuʃu' z e j r o	Regra default 1
Output	----- [ʃuʃu]	[ʃuʃu'zeru]	Redução da átona

Entre as derivadas listadas nesse grupo, estão *cafeteiro*, *abricoteiro*, *crocheteiro* e *tricoteiro*. No caso de *cafeteiro*, parece que não há dúvida em classificar a consoante como epentética e distinta da regra *default*, ainda que se possa pensar que essa palavra, embora com significado diferente, é utilizada por analogia à cafeteira “máquina ou aparelho em que se faz café ('bebida') automática ou semiautomaticamente”.

⁵ Aqui, novamente, repete-se o processo de epêntese discutido em (1).

Entretanto, nos demais exemplos, *abricoteiro*, *crocheteiro* e *tricoteiro*, há outra possibilidade de análise. *Abricoteiro*, embora admita *abricó* como base, tem registrada no dicionário a formação *abricote* + *eiro*, desfazendo a ocorrência da epêntese. Já no caso de *crocheteiro* e *tricoteiro*, o dicionário Houaiss eletrônico registra como origens dessas palavras as formas francesas *crochet* e *tricot*, o que também desfaz a possibilidade do /t/ ser epentético, a exemplo do que ocorre com // de chapelada e paulada, mencionados acima.

5.2.3.2 Grupo (IIIb)

O grupo (IIIb) é composto por apenas três palavras derivadas cujas bases são terminadas em vogal temática. Mesmo apresentando um número tão reduzido de integrantes, esse grupo apresenta comportamentos semelhantes aos apresentados por (Ib) e (IIb), ou seja, predomina a inserção de /r/ (*fogo* > *fogareiro*, *língua* > *linguareiro*) e, quando foge à regra, opta por chamar uma consoante coronal para a derivação (*erva* > *ervateiro*). Além disso, a vogal temática que se superficializa é sempre /a/, mesmo que ela não seja a vogal presente na base, como se pode verificar em *fogo*, *fogareiro*.

1. fogareiro = fogo + r + eiro
2. linguareiro = língua + r + eiro
3. ervateiro = erva + t + eiro

Importante a ser observado é que, mais uma vez, a consoante epentética é predominantemente coronal, como acontece em outras línguas. O português, neste caso, manifesta preferência por /r/, mais forte em outros grupos, mas inclui outras coronais, como /t/ e /s/ com ocorrência menor.

(8) Palavras acabadas em vogal temática: sufixo -eiro

Estrutura subjacente	/fogo/	/fogo + eiro/	Silabificação
	'fo.go		Acento R(iib)
Ciclo I		'fo.go ejro	Adjunção do sufixo
		fo.go ejro	CAA
		fo.ga ejro	Analogia
			Silabificação no vazio
		fo.ga.'_ej.ro	Acento R(iib)
	'fogo	fo ga'rej ro	Regra default
Output	['fogu]	[foga'rejru]	Redução da átona

Entretanto, nesse grupo, esse fenômeno da superficialização do /a/ como vogal temática pode ser atribuído à analogia, como ocorreu em (Ib) e (IIb), não só em relação às palavras em –mente, mas pela própria família de *fogo*, como se pode observar em palavras derivadas como *fogaça*, *fogaréu*, *fogaleiro*, por exemplo.

Aqui, também não há registro de variação com hiato, e podemos assinalar outra particularidade. Acreditamos que o grupo seja reduzido porque grande parte das palavras derivadas com esse sufixo já possui /r/ ou /t/ em suas bases (como aventureiro, carcereiro, abacateiro e banqueteiro, por exemplo).

CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo estudar a epêntese consonantal no português brasileiro, mecanismo utilizado para evitar o hiato.

Desde a composição do *corpus*, alguns fatos interessantes foram observados. Em primeiro lugar, as palavras derivadas com o acréscimo dos sufixos –ada, -al e –eiro puderam ser divididas em dois grandes grupos: palavras cujas bases têm a última sílaba tônica, ou seja, a vogal final é parte do radical; e palavras cujas bases têm a última sílaba átona, ou seja, acabam em vogal temática.

Quando a tonicidade recaía na última sílaba do radical, a consoante intrusiva preferida é /z/. Por outro lado, quando a última sílaba é átona, a escolha por /r/ é preferida, permitindo-nos estabelecer duas regras *default* para a epêntese consonantal. A primeira para as palavras-base que acabam em vogal do radical e a segunda para as palavras-base acabadas em vogal temática.

Palavras que aparentemente apresentavam consoante epentética, como chapelada e abricoteiro, tiveram sua explicação particularizada.

Os raros casos de exceção recebem um diacrítico no léxico e são silabificadas antes da regra *default*.

Sabemos que essa análise mereceria um estudo mais amplo, sobretudo quanto à inclusão de outros afixos. De qualquer forma, acreditamos que o que foi feito delineia um quadro bastante coerente da epêntese consonantal no português brasileiro, sedimentado na teoria fonológica. Possivelmente, este estudo abrirá as portas para outros, que poderão retomá-lo para pesquisas mais robustas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, Latif; DANILOFF, Ray; HAMMARBERG, Robert. *Intrusive Stopes in Nasal-Fricative Clusters: An Aerodynamic and Acoustic Investigation*. *Phonetica*, 1979, vol.36, p. 85-79.
- ALI, M. Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 21.ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BECKMAN, Jill. *Proceedings of the North East Linguistics Society 25*, v.1, Papers from the main sessions, GLSA, Amherst, 1995.
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português Falado: Volume VII: Novos estudos*. Campinas: Unicamp, 1999, p. 701-742.
- BISOL, Leda. *Fonologia: Análises não-lineares*. Porto Alegre: Çetras de Hoje. V.29, nº4, p.25-36, dez/1994.
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p.
- BLEVINS, Juliette. *Consonant Epenthesis: Natural an Unnatural Histories*. Oxford Scholarship Online Monographs, Jan/2008, p. 79-108.
- CAGLIARI, Luiz Carlos; MASSINI-CAGLIARI, G. A epêntese consonantal em português e sua interpretação na teoria da otimalidade. *Revista de Estudos da Linguagem*. Minas Gerais: USMG, 2000, p. 163-192.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Consoante epentéticas em Português. In: 6º Congresso Internacional da Associação de Lusitanistas (AIL), 2001, Rio de Janeiro. Anais do 6º Congresso Internacional da Associação de Lusitanistas. Rio de Janeiro: Associação Internacional de Lusitanistas, 1999.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à fonologia*. 10.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- CAMARA, Joaquim Mattoso Jr. *Dicionário de Lingüística e Gramática: Referente à Língua Portuguesa*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CAMARA, Joaquim Mattoso Jr. *Estrutura da língua portuguesa*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CAMARA, Joaquim Mattoso Jr. *Princípios da Lingüística Geral*. 2.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.
- CAMARA, Joaquim Mattoso Jr. *Problemas de lingüística descritiva*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1970.
- COLLISCHONN, Gisela. *Análise Prosódica da Sílabas em Português*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Tese (Pós-Graduação em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; ALMEIDA, Leonardo. On the nature of epenthetic vowels. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Claudia (Org.). *Contemporary Phonology in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008b. p. 193-212. (Cambridge Scholars Publishing Series).
- FOURAKIS, Marios; PORT, Robert. (1986). *Stop epenthesis in English*, *Journal of Phonetics*, 14, 197-221.
- HALLE, Morris; VERGNAUD. *An Essay on Stress*. Cambridge, Massachusetts, Mit Press, 1990, p.3-75, cap., 1-2.
- HARRIS, James. *Syllable structure and stress in Spanish*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1983.
- ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese de doutorado. University of Massachusetts. 1986.
- ITÔ, Junko. A Prosodic Theory of Epenthesis. *Natural Language and Linguistics Theory* 7, 1989, 217-260.
- KIPARSKY, Paul. Lexical phonology and morphology. In YANG, I. S. (ed) *Linguistics in the morning calm*. Seul: Hanshin, 1982, p.3-91.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998, 553 p.
- MASCARÓ, Joan. On the form of segment deletion and insertion rules. *Probus*, n.1, 1989, p.31-61.

MORENO, Cláudio. *Os diminutivos em –inho e –zinho e a delimitação do vocábulo nominal em português*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1977.

REIS, Rosane Miranda Rodrigues dos. *O acento do português do Brasil: controvérsias e perspectivas*. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portugueza*. 4.ed. Salvador: Progresso, 1950.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SANDMANN, Antônio J. *Morfologia Geral: Repensando a língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1993.

SANDMANN, Antônio J. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor, 1989.

SELKIRK, Elisabeth, (1982) The syllable. In Hulst, H. van der e Smith, N. (ed) *The structure of phonological representations*, parte II, Dordrecht: Foris. p.337-383, 1982.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

VAUX, Bert. *Consonant epenthesis and hypercorrection*. Harvard University. LSA, Washington, DC. January 5, 2001.

WETZELS, W. Leo. *The Historical Phonology of Intrusive Stops: A Non-Linear Description*. University of Nijmegen, 1985, p.86-333.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.